

Em 5 anos a Mata Atlântica perde mais de 30 mil hectares

Liana John/AE

Os remanescentes da exuberante mata Atlântica do Rio de Janeiro estão sendo destruídos em ritmo assustador. Entre 1985 e 1990, 30.579 hectares de floresta foram derrubados, segundo levantamento da Fundação SOS Mata Atlântica, com base nas imagens do satélite ambiental Landsat. Algumas áreas desmatadas e abandonadas, agora em recuperação, também foram observadas, mas, somadas, elas chegam a apenas 2.729 hectares. "Nós não sabemos exatamente em que condições estão essas áreas recuperadas; elas aparecem nas imagens apenas como capoeirões altos", comenta a coordenadora do estudo, a geógrafa Diana Sarita Hamburger, da SOS Mata Atlântica.

O levantamento inclui toda a faixa litorânea originalmente ocupada pela mata Atlântica, por restingas e mangues no Estado do Rio de Janeiro. A área total desmatada entre 85 e 90 corresponde a 0,7 por cento do território fluminense. Conforme o presidente da SOS Mata Atlântica, Roberto Klabin, o estudo do Rio é o primeiro de um detalhamento do Atlas Brasileiro dos Remanescentes de Mata Atlântica, editado em 1990. Esse primeiro atlas mostrava a destruição de toda mata Atlântica na escala 1:1.000.000. O atual detalhamento é na escala 1:250.000, permitindo melhor definição dos limites das florestas e dos desmatamentos. O próximo Estado a ser mapeado deverá ser o Espírito Santo.

"Queremos criar uma base de dados para orientar a comunidade sobre o que está acontecendo de fato com a mata Atlântica e eventualmente apontar áreas prioritárias de conservação", disse Klabin. Ele espera que, a exemplo do Atlas Brasileiro, os estudos detalhados sejam utilizados pelas

prefeituras, órgãos governamentais e entidades ambientalistas locais, para orientar ações concretas de preservação.

Para tanto, dentro de um mês deve estar pronta uma versão em transparência do atlas do Rio, que poderá ser facilmente copiada pelos interessados. É a contribuição da sociedade civil e das empresas privadas para a Rio-92: "Estamos levantando as informações básicas para um futuro planejamento da ocupação territorial e para orientar a política de preservação. Ou seja, estamos fazendo o que o governo não faz", acrescentou Klabin.

Imagens de satélites

O custo total do detalhamento, da Bahia ao Rio Grande do Sul, será de US\$ 300 mil (Cr\$ 600 milhões) e os recursos foram obtidos junto a três empresas privadas: Klabin Papel e Celulose, Metal Leve e Bradesco. As imagens de satélites foram fornecidas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e processadas pela imagem, uma empresa especializada de São José dos Campos (SP). O primeiro exemplar acabado do atlas será entregue hoje ao governador Leonel Brizola, no Palácio Guanabara.

De acordo com Diana Hamburger, um dos problemas mais graves observados no Rio é a transformação dos remanescentes de floresta em ilhas. Os desmatamentos mais intensos neste período ocorreram em fragmentos de floresta e não em áreas contínuas, como a Serra do Mar. Ela cita o exemplo da mata de restinga entre Macaé e Rio das Ostras, junto à BR-101, e as áreas de floresta de transição, próximas ao Parque do Desengano, no norte do Estado. Ali os maiores fragmentos de floresta foram derrubados ou ainda mais

fragmentados, tendo restado apenas pequenas ilhas de mata cercadas de áreas ocupadas, sem continuidade.

Essa fragmentação é, na verdade, uma destruição muito mais séria do que o simples desmatamento contínuo, pois compromete a fauna nativa mesmo onde as ilhas de mata permanecem intactas. Estudos realizados na Amazônia e em ilhas de mata no oeste paulista provam que o isolamento de um pequeno trecho de floresta tropical, em meio a fazendas ou núcleos urbanos, tem grande impacto sobre a diversidade de espécies e sobre a diversidade genética dos animais isolados.

Isso quer dizer que a maior parte da fauna ilhada não tem chances de sobreviver por muitas gerações, mesmo que sobreviva ao desmatamento e mesmo que não seja diretamente molestada pelos moradores vizinhos. A Ilha de Mata se torna pequena demais para garantir abrigo e/ou alimento ao grupo de animais ilhados e então, eles tendem a migrar para outros locais, contaminam-se com agrotóxicos; matam uns aos outros pela comida ou pára de se reproduzir.

Em alguns casos, os animais não morrem mas, proque estão isolados, passam a se acasalar entre si, aumentando muito a consanguinidade. A consequência é a diminuição da diversidade genética. Isso vem sendo observado, por exemplo, entre os micos leões pretos pelos biólogos da entidade ambientalista Ipê.

De uma forma ou de outra, transformar floresta contínua em ilhas de mata é condenar a fauna a extinção local, mesmo que as árvores ainda permaneçam em pé por algum tempo. E quanto mais especializada a fauna - como muitas das espécies exclusivas da mata Atlântica - menores são as chances de escapar a essa extinção local.